

BERNARDO SASSETTI A ARTE COMO LIBERDADE

COM UMA OBRA INVULGARMENTE RICA E DIVERSIFICADA, BERNARDO SASSETTI VIVIA COM ENTUSIASMO TODOS OS PROJETOS EM QUE SE ENVOLVIA. HÁ AINDA MUITO PARA REDESCOBRIR NO SEU LEGADO
POR **JOÃO MOÇO**



movimentos musicais, como se vissemos este pai voltando obsessivamente aos mesmos lugares na esperança de encontrar algo que preencha o vazio da perda que sofre.

Desde então que é impossível dissociar a obra musical da cinematográfica, ainda que a música valha por si mesma. "Nem consigo imaginar os meus filmes sem ele (Bernardo Sasseti). É como pensar neles com outros atores. Na verdade, é mais que isso. A música aqui tem uma importância quase como a história", disse em setembro passado ao DN o cineasta Marco Martins, a propósito da homenagem então organizada pelo Teatro São Luiz. Voltam a trabalhar juntos anos depois na banda sonora de *Como Desenhar um Círculo Perfeto*. Mas a constante ebulição criativa do pianista levou-o a comportar-se muito mais música inspirada pelo filme, que acabou por não ser utilizada, tendo por isso criado um concerto especial no Teatro Maria Matos, em Lisboa, com os pianistas Mário Laginha e João Paulo Esteves da Silva e ainda os protagonistas da longa-metragem, Joana de Verona e Rafael Morais.

Alice tinha sido um momento definidor no percurso do músico. O próprio o confirmou ao DN numa entrevista a propósito dessa banda sonora: "Tanto a música deste filme como a relação que tive com o realizador José Álvaro Morais (autor de *Quaresma*) ensinaram-me a olhar para a composição e para a música sem qualquer tipo de complexos. Não estou à procura de um som jazzístico nem clássico. Não sei explicar o que é, mas há qualquer coisa dentro de mim que faz com que tenha esta necessidade enorme de colocar estas ideias musicais cá para fora."

Entre a música e a imagem

No mesmo ano de *Alice* lançou também essa obra-prima (há que definir as coisas pelo seu real valor) que é *Ascent* (2005) que, dando azo a essa necessidade de colocar "cá para fora" todas as suas ideias musicais, recuperou algumas das composições feitas para o filme *A Costa dos Murmúrios*, ainda que retribuídas em novas versões.

Ascent é também um disco que assinalou uma clara relação da obra musical de Sasseti com a imagem, em particular com o universo da fotografia (à qual se dedicou durante anos com a mesma seriedade que a música), algo que repercutiu no álbum *Motion* (2010). A imagem esteve também marcadamente presente em *Unreal: Sidewalk Cartoon* (2006), projeto ambicioso que levou não só ao lançamento de um álbum, mas à edição de um livro e à criação de um espetáculo (onde participaram o coletivo Drumming, a atriz Beatriz Batarda, músicos como Alexandre Frazão, Perico Sambeat, José Salgueiro e Rui Rosa) onde chegaram a ser reveladas imagens de um filme musical em animação realizado pelo músico. A música, as imagens e as suas histórias e o universo da palavra unidos numa só obra. "Unreal — um hino ao desenvolvimento da classe dos trabalhadores, artistas e operários por conta d'outrem; música; visão; imaginação; entrega; solicitação; aventura; mistério; paixão; "Inventaria"; desventura; solicitação; desenvolvimento; entrega; música; visio; delírio; falácia; zombaria; e experiências científicas na península de Quasi-águares", descreve o autor o músico na sinopse do projeto.

Unreal: Sidewalk Cartoon é um álbum extremamente complexo e estimulante e pode-se dizer que está mais próximo da face jazzística do músico. No entanto, o jazz de Bernardo Sas-

Continua na página 20

Fernando Lopes ou *Como Desenhar um Círculo Perfeto* (2009), também de Marco Martins.

Um fascínio pelo cinema

Mas era ainda uma criança quando esse fascínio pela sétima arte começou a nascer de forma mais intensa. Aos 12 anos "fecha-se" na Cinemateca Portuguesa e aí vê de fio a pavio quase a filmografia inteira de Alfred Hitchcock. Quase porque ficou de fora o icónico *Psico* (1960). "Porque os meus pais não me deixaram! Enfim, nessas idades não se pode querer tudo", escreveu o próprio num texto de apresentação da música original que compôs para *Maria do Mar* (1930), filme mudo de Leitão de Barros.

Este ciclo de Hitchcock na Cinemateca é um momento-chave porque, como afirmou ao DN numa entrevista em 2009, foi aí que se começou a perceber "a importância da música para o cinema". Já nessa altura havia uma grande de-

ducação à sétima arte: "Todos os anos passei a acompanhar aí os grandes ciclos de cinema e dedicava-me a escrever, ainda à máquina, a sinopse de todos os filmes que via", confessou na altura. Mais tarde viria a ser convidado para a Cinemateca Portuguesa para acompanhar filmes mudos, em improviso de piano solo. Acompanhou sessões de filmes de Ernst Lubitsch ou do português *Os Crimes de Diogo Alves* (1911), de João Tavares.

Foi também nessa altura que foi convidado por João Bernard Costa a musicar o referido *Maria do Mar*, então com vista a uma edição em DVD do filme restaurado com a música que iria compor. O projeto não se concretizou logo, mas espera-se que ainda este ano veja a luz do dia.

Se em junho passado a Casa Bernardo Sasseti decidiu iniciar o seu plano de celebração da obra do músico com a projeção, no Teatro Nacional de São Carlos, do filme de Leitão de Bar-

ros, acompanhado com a música do pianista, interpretada pela Orquestra Sinfonietta de Lisboa (dirigida por Vasco Pearce de Azevedo), Francisco Sasseti e Filipa Pais, a escolha não foi um mero acaso. A obra começou a ser composta por Bernardo Sasseti no verão de 1998, tinha então 28 anos. Ainda não se tinha dado a "explosão mediática" proporcionada com o álbum *Nocturno* (2002), nem o trabalho para o cinema era tão intenso como veio a ser. E no entanto, uma vez que na altura não ficou inteiramente satisfeito com a composição, foi reescrevendo-a, só a concluindo 12 anos mais tarde, quando a gravou pela última e definitiva vez. "Foi uma peça que acompanhou toda a nossa vida, esteve sempre presente", lembra Beatriz Batarda.

Já o maestro Vasco Pearce de Azevedo, que esteve envolvido em todo este projeto desde a sua génese, quando a composição foi pensada apenas para um agrupamento de câmara e não

para orquestra, como veio a concretizar-se, afirmou ao DN: "Como músico de jazz ele via muito na improvisação. Determinadas coisas para um músico de jazz dita clássica, algo que repetiria no álbum *Motion* (2010). A imagem esteve também marcadamente presente em *Unreal: Sidewalk Cartoon* (2006), projeto ambicioso que levou não só ao lançamento de um álbum, mas à edição de um livro e à criação de um espetáculo (onde participaram o coletivo Drumming, a atriz Beatriz Batarda, músicos como Alexandre Frazão, Perico Sambeat, José Salgueiro e Rui Rosa) onde chegaram a ser reveladas imagens de um filme musical em animação realizado pelo músico. A música, as imagens e as suas histórias e o universo da palavra unidos numa só obra. "Unreal — um hino ao desenvolvimento da classe dos trabalhadores, artistas e operários por conta d'outrem; música; visão; imaginação; entrega; solicitação; aventura; mistério; paixão; "Inventaria"; desventura; solicitação; desenvolvimento; entrega; música; visio; delírio; falácia; zombaria; e experiências científicas na península de Quasi-águares", descreve o autor o músico na sinopse do projeto.

Unreal: Sidewalk Cartoon é um álbum extremamente complexo e estimulante e pode-se dizer que está mais próximo da face jazzística do músico. No entanto, o jazz de Bernardo Sas-

Com o mesmo ano de *Alice* lançou também essa obra-prima (há que definir as coisas pelo seu real valor) que é *Ascent* (2005) que, dando azo a essa necessidade de colocar "cá para fora" todas as suas ideias musicais, recuperou algumas das composições feitas para o filme *A Costa dos Murmúrios*, ainda que retribuídas em novas versões.

Ascent é também um disco que assinalou uma clara relação da obra musical de Sasseti com a imagem, em particular com o universo da fotografia (à qual se dedicou durante anos com a mesma seriedade que a música), algo que repercutiu no álbum *Motion* (2010). A imagem esteve também marcadamente presente em *Unreal: Sidewalk Cartoon* (2006), projeto ambicioso que levou não só ao lançamento de um álbum, mas à edição de um livro e à criação de um espetáculo (onde participaram o coletivo Drumming, a atriz Beatriz Batarda, músicos como Alexandre Frazão, Perico Sambeat, José Salgueiro e Rui Rosa) onde chegaram a ser reveladas imagens de um filme musical em animação realizado pelo músico. A música, as imagens e as suas histórias e o universo da palavra unidos numa só obra. "Unreal — um hino ao desenvolvimento da classe dos trabalhadores, artistas e operários por conta d'outrem; música; visão; imaginação; entrega; solicitação; aventura; mistério; paixão; "Inventaria"; desventura; solicitação; desenvolvimento; entrega; música; visio; delírio; falácia; zombaria; e experiências científicas na península de Quasi-águares", descreve o autor o músico na sinopse do projeto.

Unreal: Sidewalk Cartoon é um álbum extremamente complexo e estimulante e pode-se dizer que está mais próximo da face jazzística do músico. No entanto, o jazz de Bernardo Sas-

Com o mesmo ano de *Alice* lançou também essa obra-prima (há que definir as coisas pelo seu real valor) que é *Ascent* (2005) que, dando azo a essa necessidade de colocar "cá para fora" todas as suas ideias musicais, recuperou algumas das composições feitas para o filme *A Costa dos Murmúrios*, ainda que retribuídas em novas versões.

Ascent é também um disco que assinalou uma clara relação da obra musical de Sasseti com a imagem, em particular com o universo da fotografia (à qual se dedicou durante anos com a mesma seriedade que a música), algo que repercutiu no álbum *Motion* (2010). A imagem esteve também marcadamente presente em *Unreal: Sidewalk Cartoon* (2006), projeto ambicioso que levou não só ao lançamento de um álbum, mas à edição de um livro e à criação de um espetáculo (onde participaram o coletivo Drumming, a atriz Beatriz Batarda, músicos como Alexandre Frazão, Perico Sambeat, José Salgueiro e Rui Rosa) onde chegaram a ser reveladas imagens de um filme musical em animação realizado pelo músico. A música, as imagens e as suas histórias e o universo da palavra unidos numa só obra. "Unreal — um hino ao desenvolvimento da classe dos trabalhadores, artistas e operários por conta d'outrem; música; visão; imaginação; entrega; solicitação; aventura; mistério; paixão; "Inventaria"; desventura; solicitação; desenvolvimento; entrega; música; visio; delírio; falácia; zombaria; e experiências científicas na península de Quasi-águares", descreve o autor o músico na sinopse do projeto.

Unreal: Sidewalk Cartoon é um álbum extremamente complexo e estimulante e pode-se dizer que está mais próximo da face jazzística do músico. No entanto, o jazz de Bernardo Sas-

Com o mesmo ano de *Alice* lançou também essa obra-prima (há que definir as coisas pelo seu real valor) que é *Ascent* (2005) que, dando azo a essa necessidade de colocar "cá para fora" todas as suas ideias musicais, recuperou algumas das composições feitas para o filme *A Costa dos Murmúrios*, ainda que retribuídas em novas versões.

Ascent é também um disco que assinalou uma clara relação da obra musical de Sasseti com a imagem, em particular com o universo da fotografia (à qual se dedicou durante anos com a mesma seriedade que a música), algo que repercutiu no álbum *Motion* (2010). A imagem esteve também marcadamente presente em *Unreal: Sidewalk Cartoon* (2006), projeto ambicioso que levou não só ao lançamento de um álbum, mas à edição de um livro e à criação de um espetáculo (onde participaram o coletivo Drumming, a atriz Beatriz Batarda, músicos como Alexandre Frazão, Perico Sambeat, José Salgueiro e Rui Rosa) onde chegaram a ser reveladas imagens de um filme musical em animação realizado pelo músico. A música, as imagens e as suas histórias e o universo da palavra unidos numa só obra. "Unreal — um hino ao desenvolvimento da classe dos trabalhadores, artistas e operários por conta d'outrem; música; visão; imaginação; entrega; solicitação; aventura; mistério; paixão; "Inventaria"; desventura; solicitação; desenvolvimento; entrega; música; visio; delírio; falácia; zombaria; e experiências científicas na península de Quasi-águares", descreve o autor o músico na sinopse do projeto.

Unreal: Sidewalk Cartoon é um álbum extremamente complexo e estimulante e pode-se dizer que está mais próximo da face jazzística do músico. No entanto, o jazz de Bernardo Sas-

Com o mesmo ano de *Alice* lançou também essa obra-prima (há que definir as coisas pelo seu real valor) que é *Ascent* (2005) que, dando azo a essa necessidade de colocar "cá para fora" todas as suas ideias musicais, recuperou algumas das composições feitas para o filme *A Costa dos Murmúrios*, ainda que retribuídas em novas versões.

Ascent é também um disco que assinalou uma clara relação da obra musical de Sasseti com a imagem, em particular com o universo da fotografia (à qual se dedicou durante anos com a mesma seriedade que a música), algo que repercutiu no álbum *Motion* (2010). A imagem esteve também marcadamente presente em *Unreal: Sidewalk Cartoon* (2006), projeto ambicioso que levou não só ao lançamento de um álbum, mas à edição de um livro e à criação de um espetáculo (onde participaram o coletivo Drumming, a atriz Beatriz Batarda, músicos como Alexandre Frazão, Perico Sambeat, José Salgueiro e Rui Rosa) onde chegaram a ser reveladas imagens de um filme musical em animação realizado pelo músico. A música, as imagens e as suas histórias e o universo da palavra unidos numa só obra. "Unreal — um hino ao desenvolvimento da classe dos trabalhadores, artistas e operários por conta d'outrem; música; visão; imaginação; entrega; solicitação; aventura; mistério; paixão; "Inventaria"; desventura; solicitação; desenvolvimento; entrega; música; visio; delírio; falácia; zombaria; e experiências científicas na península de Quasi-águares", descreve o autor o músico na sinopse do projeto.

Unreal: Sidewalk Cartoon é um álbum extremamente complexo e estimulante e pode-se dizer que está mais próximo da face jazzística do músico. No entanto, o jazz de Bernardo Sas-

Com o mesmo ano de *Alice* lançou também essa obra-prima (há que definir as coisas pelo seu real valor) que é *Ascent* (2005) que, dando azo a essa necessidade de colocar "cá para fora" todas as suas ideias musicais, recuperou algumas das composições feitas para o filme *A Costa dos Murmúrios*, ainda que retribuídas em novas versões.

Ascent é também um disco que assinalou uma clara relação da obra musical de Sasseti com a imagem, em particular com o universo da fotografia (à qual se dedicou durante anos com a mesma seriedade que a música), algo que repercutiu no álbum *Motion* (2010). A imagem esteve também marcadamente presente em *Unreal: Sidewalk Cartoon* (2006), projeto ambicioso que levou não só ao lançamento de um álbum, mas à edição de um livro e à criação de um espetáculo (onde participaram o coletivo Drumming, a atriz Beatriz Batarda, músicos como Alexandre Frazão, Perico Sambeat, José Salgueiro e Rui Rosa) onde chegaram a ser reveladas imagens de um filme musical em animação realizado pelo músico. A música, as imagens e as suas histórias e o universo da palavra unidos numa só obra. "Unreal — um hino ao desenvolvimento da classe dos trabalhadores, artistas e operários por conta d'outrem; música; visão; imaginação; entrega; solicitação; aventura; mistério; paixão; "Inventaria"; desventura; solicitação; desenvolvimento; entrega; música; visio; delírio; falácia; zombaria; e experiências científicas na península de Quasi-águares", descreve o autor o músico na sinopse do projeto.

Unreal: Sidewalk Cartoon é um álbum extremamente complexo e estimulante e pode-se dizer que está mais próximo da face jazzística do músico. No entanto, o jazz de Bernardo Sas-

Com o mesmo ano de *Alice* lançou também essa obra-prima (há que definir as coisas pelo seu real valor) que é *Ascent* (2005) que, dando azo a essa necessidade de colocar "cá para fora" todas as suas ideias musicais, recuperou algumas das composições feitas para o filme *A Costa dos Murmúrios*, ainda que retribuídas em novas versões.

Ascent é também um disco que assinalou uma clara relação da obra musical de Sasseti com a imagem, em particular com o universo da fotografia (à qual se dedicou durante anos com a mesma seriedade que a música), algo que repercutiu no álbum *Motion* (2010). A imagem esteve também marcadamente presente em *Unreal: Sidewalk Cartoon* (2006), projeto ambicioso que levou não só ao lançamento de um álbum, mas à edição de um livro e à criação de um espetáculo (onde participaram o coletivo Drumming, a atriz Beatriz Batarda, músicos como Alexandre Frazão, Perico Sambeat, José Salgueiro e Rui Rosa) onde chegaram a ser reveladas imagens de um filme musical em animação realizado pelo músico. A música, as imagens e as suas histórias e o universo da palavra unidos numa só obra. "Unreal — um hino ao desenvolvimento da classe dos trabalhadores, artistas e operários por conta d'outrem; música; visão; imaginação; entrega; solicitação; aventura; mistério; paixão; "Inventaria"; desventura; solicitação; desenvolvimento; entrega; música; visio; delírio; falácia; zombaria; e experiências científicas na península de Quasi-águares", descreve o autor o músico na sinopse do projeto.

Unreal: Sidewalk Cartoon é um álbum extremamente complexo e estimulante e pode-se dizer que está mais próximo da face jazzística do músico. No entanto, o jazz de Bernardo Sas-

Com o mesmo ano de *Alice* lançou também essa obra-prima (há que definir as coisas pelo seu real valor) que é *Ascent* (2005) que, dando azo a essa necessidade de colocar "cá para fora" todas as suas ideias musicais, recuperou algumas das composições feitas para o filme *A Costa dos Murmúrios*, ainda que retribuídas em novas versões.

BERNARDO SASSETTI: A ARTE COMO LIBERDADE

musica ligada ao 25 de Abril e outras revoluções noutros países".

Essa parceria voltaria a ser cimentada um ano depois quando integraram (com Pedro Burmester) o projeto 3 Pianos, que nesse ano lotou o CCB. Voltaram à mesma sala em 2006 para mais dois concertos esgotados e um ano depois lançaram em CD e DVD a gravação desse momento. Regressaram novamente no final de 2011, com um novo repertório, que integrou música brasileira (nesse ano leram por três vezes a sala São Paulo, no Brasil).

Juntos criaram ainda um espetáculo em homenagem a Amália Rodrigues, intitulado *Trago Fado nos Sentidos*, que teve lugar na Casa da Música e na Aula Magna. "Em todos os trabalhos conjuntos e na preparação de concertos com novos repertórios, foi sempre indescritivelmente divertido e estimulante ensaiar e trabalhar com o Bernardo. A ausência de preconceitos e uma exigência muito grande com o resultado final — sem nunca deixar de ter humor — sempre foram contagiante".

Também o maestro Vasco Pearce de Azevedo recordou ao DN esse humor contagiante do pianista: "Por vezes era preciso travar um pouco esse entusiasmo. Num contexto com poucas pessoas, esse entusiasmo contagiava-se e produz uma energia enorme, mas num grupo muito grande, como é uma orquestra, esse entusiasmo tem de ser controlado ou não se consegue trabalhar. Eu chegava a ser um pouco chato com ele".

Se, com Mário Laginha, Bernardo Sasseti esteve envolvido em mais que um projeto ligado ao fado, esse foi também um campo em que o pianista se foi relacionando de forma crescente. Aliás, se Vasco Pearce de Azevedo tem já currículo a dirigir orquestras para fado, o seu primeiro contato, como maestro, com esta música foi através do pianista, quando este o desafiou a fazer arranjos orquestrais para alguns fados de Carlos do Carmo, a propósito da celebração dos seus 40 anos de carreira, no Coliseu de Lisboa, em 2003. "Quando ele tocou comigo no Coliseu eu só pensava 'isto não me está a acontecer'. Sentia que estava a



O músico não só se dedicou ao jazz como compôs para cinema, teatro ou bailado

voar", confessou Carlos do Carmo ao DN.

Havia uma grande admiração mútua entre Bernardo Sasseti e Carlos Carmo. Uma das composições da banda sonora de *Second Life* foi mesmo dedicada ao fadista. "Hoje em dia considero que o Carlos do Carmo é, provavelmente, o maior cantor de palavras e comunicador que já ouvi, ao nível de Frank Sinatra. Tem uma afinação incrível, como raramente tenho ouvido", dizia ao DN há sensivelmente quatro anos, antes ainda de ser desafiado pelo fadista para consigo gravar um álbum conjunto, lançado no final de 2010, onde interpretaram canções de José Afonso, Jacques Brel ou Faustino, além de dois inéditos. "Eu já cantei com centenas de músicos, orquestras, guitarristas, violistas, portugueses e de outras nacionalidades. Raramente estive tão próximo de uma alma como da alma do Bernardo. Deixa uma perda só comparável à do Ary (dos Santos), que também me deixou um imenso vazio", recordou Carlos do Carmo. Além deste e de Camané, Sasseti também teve uma parceria

com a fadista Katia Guerreiro, no disco *Tudo ou Nada* (2005).

E porque foi um músico que não estabeleceu fronteiras na sua criatividade, além de todos estes mundos, também manteve contacto com diversos músicos ligados ao pop/rock. Ainda em 1994 trabalhou com Luis Repress no álbum *Cumplicidades*. Com os Da Weasel subiu ao palco do Pavilhão Atlântico, depois de já ter participado no disco *Amor, Escárnio e Maldizer* (2007). Antes colaborou com Rui Veloso no seu *A Espuma das Canções* (2005). Mais tarde seria uma das presenças mais marcantes em *Muito Consentimento* (2011) de Sérgio Godinho. E chegou a ter em vista a gravação de um álbum de standards de Cole Porter com Manuela Azevedo, vocalista dos Clá.

Mesmo assim, toda a obra musical que deixou não se fica por aqui. Com Beatriz Batarda apresentou em várias salas (nacionais e internacionais) recitais centrados em dois contos de Sophia de Mello Breyner: *A Viagem* e *a Menina do Mar*. Compôs a música para a peça de tea-

tro *Dúvida* (1964), que chegou a ser editada em disco. Quando em 2010 se celebraram os cem anos do Castelo de São Jorge (Lisboa) criou composições inéditas e trabalhos em vídeo que integraram o espetáculo *Histórias do Castelo*. Um ano depois percorreu o País ao lado da Companhia Nacional de Bailado e do espetáculo *Uma coisa em forma de assim*, cabendo a si a composição e interpretação da obra. Antes do seu desaparecimento estava a preparar um novo álbum de piano solo, *Timbulú* (tendo revelado vários vídeos das gravações no Facebook), que seria o sucessor do seu primeiro disco de piano solo, *Indigo* (2004), outra obra maior do seu percurso.

"O Bernardo era de facto um manancial de música inesgotável", refere o maestro Vasco Pearce de Azevedo. Ou como Mário Laginha descreveu, tinha "um mundo interior muito rico e criativo". E acrescentou: "Ele podia ser caótico a misturar vários dos seus mundos, dando a sensação que aqueles casos jamais se ia organizar... Mas ia. Era até bastante obsessivo nos detalhes".

A sua obra prova um talento singular e o seu despor em cruzar referências e universos, sempre com uma apurada sensibilidade. Tudo o que deixou torna-se ainda mais surpreendente quando se criou tanto até aos 41 anos. Mas ainda há todo um mundo para descobrir e essa é agora a missão da Casa Bernardo Sasseti, empenhada que está na divulgação do seu legado.

1) Bernardo Sasseti (1970-2012) - pianista e compositor. Compôs para cinema, teatro, bailado e dedicou-se ao jazz.
2) Casa Bernardo Sasseti - foi criada em setembro de 2012 para divulgar a obra do pianista.
3) Pedro, Bernardo e João Moreira - os irmãos Moreira fazem parte de uma família fadista para a história do jazz em Portugal e nos anos 80 formaram o Moreira Jazzet.
4) Clean Feed - editora portuguesa de jazz, é considerada uma das melhores ao nível mundial.

BERNARDO SASSETTI: A ARTE COMO LIBERDADE

Continuação da página 19

setti nesta altura era claramente distinto daquele com que se estreou nos anos 90 com Sasseti (de 1994 e que contou com a participação de Paquito D'Rivera). Tanto este último como o sucessor *Mundos* (1996) mostram uma outra vertente do pianista que a generalidade do público desconhece, caracterizando-se mais pelas suas relações com a música latina do que com o caráter melancólico dos trabalhos editados já em pleno século XXI.

Raízes no jazz

Como já tinha sido referido, mesmo que a educação musical do pianista tenha passado pela vertente clássica e as idas regulares a São Carlos, ao travar conhecimento com os primos (em terceiro grau) Moreira dá-se a iniciação jazzística. "Passámos a viver em conjunto essa procura incessante da linguagem jazz, durante grande parte da adolescência e princípios da idade adulta. Foram tempos memoráveis que passámos juntos mas foi individualmente (quase secretamente) que me lancei na procura das notas, tecla por tecla, acorde por acorde, som por som", escreveu o próprio músico em fevereiro de 2005, num texto intitulado "Pianistas, pianistas, pianistas..." e divulgado no seu site.

Tinha apenas 17 anos quando começa a tocar no quarteto do saxofonista Carlos Martins (através de quem, curiosamente, viria a conhecer o maestro Vasco Pearce de Azevedo, com quem trabalhou com regularidade) e no Moreiras Jazzet. Mas a história do seu percurso no jazz não pode ser contada sem lembrar o papel decisivo do trio que liderou, constituído pelo contrabaixista Carlos Barreto e o baterista Alexandre Frazão. Com o primeiro duo a sua primeira *jam session*, ainda nos anos 80, no antigo Hot Clube, em Lisboa. "Uma daquelas sessões extraordinárias que se prolongavam pela noite dentro até à hora de sairmos mesmo a tempo de tomar o pequeno almoço", confessava Sasseti no texto de apresentação do álbum *Ascent*.

ESPERA-SE QUE ESTE ANO SEJA EDITADO UM CD COM A MÚSICA QUE BERNARDO SASSETTI COMPOZ PARA O FILME 'MARIA DO MAR' (1930), DE LEITÃO DE BARROS

Mas na verdade nos anos 90 a carreira de Bernardo Sasseti estava mais concentrada em Londres do que em Portugal. Trabalhou então com músicos como Freddie Hubbard, Benny Golson, Curtis Fuller, Andy Shepard, Art Farmer ou Eddie Henderson. Chegou ainda a gravar com o quinteto de Guy Barker o álbum *Into the Blue* (1995). Foi esse trabalho que lhe possibilitou participar na banda sonora (e no filme) *O Talento Mr. Ripley* (1999), de Anthony Minghella, protagonizado por Matt Damon. O de Minghella ouviu o disco e disse "quero aquele quinteto no meu filme". Foi uma experiência fantástica. Saber que iam não só gravar mas interpretar músicos de jazz dos anos 50 foi uma notícia esmagadora. Foi aí que o bichinho do cinema voltou, porque na altura eu era só jazz", lembrou ao DN em fevereiro de 2009.

Também no jazz a versatilidade marcou o percurso do pianista e o álbum *Nocturno* (editado pela Clean Feed", editora à qual ficou ligado daí em diante) marcou um outro ponto de viragem. Gravado na Quinta de Belgas, de Maria João Pires, ao lado de Carlos Barreto e Alexandre Frazão, *Nocturno* revela um músico que percebe que na contenção pode estar o ganho, delineando uma personalidade vinculada na forma como aborda a linguagem jazzística, sem deixar de transpacer referências a esse nome maior que é Bill Evans. Foi também um dos seus maiores sucessos comerciais e um dos discos mais vendidos da Clean Feed. A propósito desta meditação o pianista afirmou em 2004 ao então jornal *Blitz*: "Não acredito que isto possa voltar a acontecer. A realidade é que houve uma série de energias que levou a que o disco vendesse o que vendeu. Que é pouco para um cantor pop, mas para mim é e foi muito gratificante. Achei fantástico. Neste mundo que está transformado num gigantesco restaurante, como diz Woody Allen — andamos todos a comer-nos uns aos outros —, o lado comercial é talvez a coisa que menos me preocupa. Mas nunca imaginei que fosse possível e até cheguei a pensar que havia alguma coisa que estava mal. A sério. Não é música pensada para vender, nem nunca pensei em fazer música para

agradar às pessoas. Faço a música que me sai dos dedos".

O mesmo trio viria a acompanhá-lo em *Ascent* (que ainda contou com a participação de Jean François Lezé no vibratone e Adja Zupancic no violoncelo) e *Motion* (2010). Progressivamente foi-se libertando de amarras estilísticas, cruzando referências do jazz, da clássica e da contemporânea, cimentando assim uma personalidade musical (e uma técnica irrepreensível) que são irrepetíveis. Aliás, em março de 2010, aquando do lançamento de *Motion*, Bernardo Sasseti afirmava ao DN: "Isto não é jazz na mais pura das definições e a realidade é que nos estamos nas tintas para isso. Nós os três temos uma vivência do jazz muito forte, mas sentimos que é muito mais interessante ir à procura de outras coisas". Ligado a esse álbum estava a trabalhar na realização de um filme, recorrendo à fotofilmagem, e a suas primeiras imagens foram reveladas no Grand Auditório do Centro Cultural de Belém.

O gosto da partilha

Psico esse palco diversas vezes ao longo da sua carreira. Várias delas ao lado do também pianista Mário Laginha, com quem manteve uma forte amizade e um trabalho constante ao longo de mais de uma década. Partilharam o palco do CCB em mais que um concerto dos 3 Pianos (ao lado ainda de Pedro Burmester) ou do projeto Vadios (com o fadista Camané, e cujas gravações chegaram a estar agendadas). Mas a primeira parceria entre os dois data de 1999, como contou Mário Laginha ao DN: "Fomos convidados para fazer um concerto partilhado no festival jazz em Agosto. Fizemos uma parte a solo cada um e uma em duo. Gostámos tanto que decidimos continuar". E continuaram. Quatro anos mais tarde lançavam um álbum conjunto, *Mário Laginha & Bernardo Sasseti* (2003), uma preciosidade que é o espelho de uma extrema cumplicidade entre os dois pianistas. Já em 2004 saiu também em duo *Grândolas*, que, como recordou Mário Laginha, "nasceu de uma encomenda do Ruben de Carvalho, com

Discografia selecionada



'Mundos'
1996
CD, Emarcy
11,90 euros

O segundo álbum de estúdio de Bernardo Sasseti evidencia ligações com a música latina. Perico Sambeat foi um dos músicos que colaborou com o pianista nas gravações deste *Mundos*. Integra composições como *Señor Cáscara*, *Contigo En La Distancia*, *Ironia De Um Forró*, *O Subjectivo* e uma homenagem a Duke Ellington.



'Nocturno'
2002
CD, Clean Feed / Trem Azul
11,90 euros

Nocturno foi o primeiro álbum de Bernardo Sasseti gravado com o seu trio (formado ainda por Carlos Barreto no contrabaixo e Alexandre Frazão na bateria). É um dos seus trabalhos mais bem-sucedidos. Assinalou a sua estreia na editora Clean Feed, tendo sido na altura editado juntamente com o primeiro Prémio Carlos Paredes.



'Mário Laginha & Bernardo Sasseti'
2003
CD, ONC Produções Culturais
7,99 euros

O primeiro disco que Bernardo Sasseti e Mário Laginha gravaram em conjunto. Do alinhamento, além de composições da autoria de cada um dos pianistas, é ainda interpretado *Take the A Train* (de Billy Stayhorn). Um ano depois dos músicos gravarem juntos o álbum *Grândolas*, a propósito das comemorações do 25 de Abril.



'Indigo'
2004
CD, Clean Feed / Trem Azul
11,90 euros

O seu primeiro álbum de piano solo. Além de várias composições da sua autoria, no disco Bernardo Sasseti reinterpreta ainda temas como *My Funny Valentine* ou *Raise Four* (original de Theolonious Monk). A edição dupla deste *Indigo* integra um segundo CD, intitulado *Livre*, gravado na Quinta de Belgas.



'Ascent'
2005
CD, Clean Feed / Trem Azul
9,99 euros

Assinado com o Trio 2 (que é, na verdade, um quinteto), *Ascent* cruza as heranças jazzísticas do pianista com referências da música clássica. Entram no álbum não só Alexandre Frazão e Carlos Barreto mas também Adja Zupancic e Jean-François Lezé. Alguns temas partem do filme *A Costa dos Murmúrios*.



'Alice'
2005
CD, Trem Azul
9,99 euros

A banda sonora de *Alice*, filme que foi também a estreia no cinema de Marco Martins, foi a primeira de Bernardo Sasseti editada em CD. Tornou-se também um dos seus trabalhos mais aclamados pela crítica. No álbum o pianista contou com a participação do clarinetista Rui Rosa e do contrabaixista Yuri Daniel.



'Unreal: Sidewalk Cartoon'
2006
CD, Clean Feed / Trem Azul
9,99 euros

Projeto ambicioso e conceptual, que não se resumiu à edição de um disco, mas também de um livro e à criação de um espetáculo com componentes multimédia e teatrais. No disco, Bernardo Sasseti contou com a participação do coletivo Drumming e ainda de músicos como Sérgio Carolino ou Perico Sambeat.